

## **AS ESPOSAS MORTAS**

**PSEUDÔNIMO: JOSÉ BRIEIRO**

**Edmundo de Novaes Gomes**

**Curso de História da Faculdade de Filosofia  
e Ciências Humanas**

### **UM GEORGE STEVENS SOBRE UM BANCARIO APOSENTADO PELO INPS**

Se parar e ficar pensando no tempo perdido vai ser uma desilusão. Ilusão bem não: uma coceira ruim de carrapato debaixo do braço. Antes, descia um disco voador e te pegava e te levava você para um lugar onde tinha umas árvores enormes, e uns edifícios também enormes: as árvores maiores ainda que os edifícios. Lá você encontrava todas as suas esposas mortas dos anos antigos: Rita Hayworth, Marlene Dietrich, Ingrid Bergman. A vida era um passeio.

Mas hoje eu acordei cedo e fiquei na cama o quanto pude. Pensava uma coisa, outra... O diabo são estas horas. Hora de comer, hora de dormir. Você não tem sono e nem tem fome. Fica pensando.

Uma vez eu estava lá na repartição e me falaram que tinha telefone para mim. Um grito muito já distante já na minha cabeça. Telefone? Eu corri e atendo e pergunto quem seja que fosse. A voz do outro lado me diz ser Elizabeth Taylor. Eu posso desligar e ficava por isso mesmo: um sujeito decente, solitário, bancário, com vontade de se aposentar. Elizabeth Taylor: eu pensei que você tivesse se ido. Ela jurava me querer tão bem!, e falando marcando um encontro no dia seguinte à

saída do expediente... Liz, uma vez eu andei por uns corredores enormes, depois de você ter me beijado numa sacada qualquer, e no fim daqueles corredores que nunca tiveram fim eu morri por sua causa numa cadeira elétrica. Meu rosto despedaçado por esses refletores.

Ilusão bem não: uma coceira ruim de carrapato debaixo do braço. Agora, chega um tempo em que tudo passa a incomodar. Começa com uma coisinha aqui ali e outra ali aqui, acolá, depois engloba as partes: o café não tem mais gosto; aposentar, você já se aposentou; inventa de fumar um charuto, inventa alguma coisa, velho!; mulher, eu já me cansei, ver aquelas costas e aquelas pernas passando na Praça 7 e só ver e ficar lembrando, depois relembando. Aqueles tempos — pegar o ônibus e ir morar num subúrbio qualquer.

Tive umas namoradas de osso e carne, e uma vez eu cheguei na casa de uma e fiquei sentado esperando, que a sua mãe dela tinha dito alguma coisa dela estar no quarto se arrumando se penteando. Quartos & Camarins. Quando ela chegou e sentou caiu uma lagartixa em cima do prato de biscoitos que ela, a sua mãe, tinha posto em cima daquela mesinha. E a namorada: ela viu e deu um grito e saiu correndo. E a lagartixa ali também se assustou e pulou pro chão e seguiu a porta a fora muito já decidida já. Baratas, pererecas, lagartixas: tudo isto as mulheres temem.

Hoje, de vez em quando, eu fico com nostalgia. Pego e visto o meu terno meu branco que estaria um pouco encardido (devia comprar um blusão jeans) e vou visitar um irmão que nunca tive ou vou à casa do filho mais velho ver os netinhos de pó e poeira. Tinha um álbum de família. Nele tem uma fotografia de meu pai duelando de jagonço com uma quadrilha de meninos: deve ter vencido, ou não sei se morreu aí. Minha mãe está em uma outra com um feto morto nos braços, e eu apareço numa de chapéu e gravata, andando no parque municipal, o braço direito dado a Nossassenhora — bem caduquinha — e o esquerdo com Jesus Cristo — quase desfalecendo.

Tudo tão distante.

Mas eu lembro que sentimento maior eu tive numa tarde de úmido mormaço em que eu estava nesta repartição e fui ver os espelhos. Estava naquela janela vendo aqueles edifícios todos e eles de repente começaram a cair na minha frente sem fazer nenhum barulho, só vento. Ai, eu senti um estremeçamento e parecia que este edifício ia cair também.

Não fui ao encontro com Elizabeth Taylor. Saí pela porta da garagem e nem olhei para a porta da portaria. Nenhuma voz atrás de mim.

Tudo foi sempre tão igual!

Posso trazer uma menina dessas que andam por aí para morar comigo: dou pra ela casa, comida, roupa da moda e uma mexida nos peitos de vez em quando. Podia também ter a mulher que quero um rendezvous qualquer. Se fosse veado, veado velho, homossexual, poderia alugar um desses rapazes.

1 (Liz Taylor, aquela conversa ficou interrompida, meia pela metade. Sabe, conversar pelo telefone... Uma coisa que eu queria te dizer é que nunca te traí. Isto existe, Elizabeth? As outras foram só pra tentar esquecer, pra esvaziar um pouco. Meu grande amor. Aquele romantismo todo em Casablanca e essa minha pinta de pistoleiro que eu fico de vez em quando: tudo isto é pra matar umas coisas e pra ter jeito pra agüentar esperar nossa derradeira noite. Você velhinha, empoeirada em algum vão de telha tecendo teias e vendo abraçadinha comigo aquelas fitas esquecidas. Pra mim não tem importância esta decadência; eu te vejo, te encarno, te beijo do jeito que eu te imagino. Vontade).

2 (Um lugar ao sol era o que queria. Estupidez. Essas & Estas mulheres. Umas não; ela não era uma qualquer, transcendia de ser. Antes antigamente. Nunca tive televisão).

Agora, chega um tempo em que tudo passa a incomodar. O mesmo lugar no mesmo bar, a cerveja amarga na boca, o cigarro apagando toda hora. Eu faço uma cara feia, cara de mau. Entretanto, as histórias que me contavam têm sempre o mesmo final, nunca interrompido: vinha um lobo e comia a

vovozinha... Isto cheira tanto a revolução! Cheira tanto que até o caçador sentiu o cheiro.

De noite, assim que eu durmo, arranjo uns sonhos reais para entrar neles. Num eu sou um pai de família que chega em casa bêbedo, sem nenhum dinheiro, e mata os filhinhos e a mulher. Noutro eu sou o Ibrahim Sued que amanhã tem um encontro com a Janet Lee (minha mãe tinha os cabelos iguais aos de Janet Lee).

Tomar o café no Café Pérola e de tarde visitar o grupo escolar em que estudei e que hoje não tem mais. É assim: você vê os lugares, você esteve nos lugares. Se me perguntassem: você começaria tudo outra vez?, eu responderia: — Não, nunca. É fácil admitir: a vida está passada e eu sou uma cuspida à esquerda do bueiro. Ah! Essas perguntinhas feitas para gente famosa. Vem me perguntar, vem!

Então eu arranjo um meio.

Hoje é um dia que não existe mais. Não vou comprar o blusão jeans, o edifício não caiu, não visito os amigos da repartição (é, amigo é isso mesmo — touro de serviço público), não vou arranjar uma filha nos esgotos e nem vou bancar a princesinha das 4 da madrugada na porta do edifício Maletta. Um dia destes já se foi — desses e daqueles; e não vou querer ficar lembrando o meu tempo — que eu passei foi impune. Tivesse 18 anos e é a mesma coisa: merda em cima de merda. Não preciso nenhum passado, não quero. A conta do meu telefone é o preço da assinatura, e o meu nome, já me vi, é o menor da lista. Falo assim porque já não tenho cara — já me morri.

Se parar e ficar pensando no tempo perdido, é problema seu. Agora, você pode escolher entre um qualquer um tango de Gardel e a Jeanne Moreau cantando aquela canção: pega o revólver com só duas balas e para certificar deixa aberto o gás — todas as totais trempes do fogão e o forno também. Veda tudo: quando der a primeira tontura, deve de vir uma explosão. Depois, eu não sei.